

### **Assim começou a vida na Terra.**

Extraído do Livro → **O Mestre do Seu Sistema**, de Máera Moretto

.....Shem Menn nasceu na China, foi criado segundo os princípios e tradições orientais, tornou-se um grande praticante e estudioso da Medicina Tradicional Chinesa. Sempre teve como grande referência na vida as sábias palavras de seu avô. Acompanhava-o na plantação e colheita de ervas, usadas como medicamento. Seu avô lhe ensinou toda a tradição no plantio, colheita e uso das ervas. Com seus princípios de equilíbrio, as teorias respeitadas sobre o movimento da Terra e de como existir nela, mesmo com interferências causadas por seu constante estado de transformação. Falava sobre os caminhos que se interligavam e, por fim, das curas que surgem como resultado de uma vida levada com regras de bom senso.

Shen Menn veio para o Brasil em meados de 1970 para praticar a Medicina Chinesa, e aprender Medicina Ocidental. Já era mestre na arte de curar segundo princípios da Medicina Tradicional Chinesa. Instalou-se em uma grande metrópole. Seu principal trabalho então, foi viver entre os ocidentais pondo em prática os princípios orientais de cura. Porém, quando se deu conta da semente de destruição que os ocidentais estavam plantando em relação à saúde, decidiu difundir a filosofia dos seus ancestrais, ensinando como a Medicina Tradicional Chinesa cultiva a semente da vida através da saúde do corpo, da mente e do espírito.

Um dia quando questionado por um de seus pacientes sobre o sentido da existência da alma etérea – que os chineses reconhecem como

## Assista & Reflita do Club 33

aquela que entra no corpo após o nascimento-, Shen respondeu contando uma antiga lenda.

“Durante uma caminhada matinal, entre um passo e outro, não pude deixar de ouvir a conversa entre duas pessoas. Ambas se lamentavam de suas conquistas, de forma frenética e sofredora. Uma dizia que estava muito atrasada e por isto seu dia seria uma bomba que, com certeza, a atingiria de qualquer maneira. E por isso deveria se apressar. Enquanto a outra, na sua mesma freqüência destrutiva, parecia orgulhosa de seu martírio, dizendo de forma imponente: ‘E o meu dia então? Este sim será um terror. Além de tudo, estou sem carro hoje.’ Nisso, apressaram o passo e foram se perdendo de minha vista.

Sentindo o cheiro do orvalho e o frescor da manhã ensolarada, continuei minha caminhada. Mas não pude deixar de ser contaminado por tanta destruição inconsciente. Em segundos, enquanto purificava minha mente, questionei-me sobre como essas pessoas chegaram até aqui. Veio-me à lembrança meu avô, criatura muito simples e sábia, sempre rodeado por crianças a quem distribuía ensinamentos e sorrisos.

Meu avô dizia que somos descendentes de uma raça muito superior. Uma raça de sábios que não tinha fome nem sede. E não sentiam falta de qualquer tipo de alimento que não fossem os alimentos da alma, ou seja, viviam de bons pensamentos, meditação e oração.

Ele contava que nesse mundo ninguém se aborrecia. Todos viviam em paz e se respeitavam.

O aprendizado existia com amor e carinho. Eles simplesmente contemplavam a beleza durante todo o tempo.

## Assista & Reflita do Club 33

Naquele mundo não havia sol, lua, mar ou vento. Havia um equilíbrio perfeito, gerado pela comunhão do ser e espaço, de modo tão completo que ser e espaço se confundiam – homem e Universo eram uma única essência.

Nesse Universo, não se fazia idéia do que era dia e noite e tampouco havia distinção entre vida e morte. Eles simplesmente existiam para evoluir de forma contínua e eterna, transbordando bons pensamentos e sentimentos.

As sensações e idéias eram compartilhadas entre eles de forma telepática e as questões que propiciavam harmoniosos debates mentais geravam engrandecer de suas almas. Era um sistema único. Como se um só organismo possuísse muitas mentes, muitas almas interligadas.

E nessa harmonia constante passaram-se milênios. Até que, certo dia, ao tentar aprimorar sua obra, o Criador decidiu que mais formas de sentimentos e emoções deveriam fazer parte do conhecimento de tais sábios. Daí surgiu a idéia de criar a Terra, para que necessidades e experiências, até mesmo físicas, pudessem trazer novas descobertas, e outras formas de troca entre eles.

Antes os sábios só viam a beleza interior, ou seja, ela era compreendida como uma sensação de plenitude alcançadas nas interiorizações, nas meditações. A beleza não possuía esse contexto que hoje conhecemos, com suas formas e cores. Isso porque não existiam nem formas nem cores. Para eles, o belo era simplesmente uma sensação muito agradável.

Foi então que o Criador fez o “mundo de fora”. Parte dos sábios, que antes viviam unidos em pensamentos e sentimentos, foi fragmentada

## Assista & Reflita do Club 33

em novecentos seres **única**. O que antes era um conjunto agora se transformara em indivíduos.

Iniciava-se assim uma nova Era.

Nesse momento, os novecentos sábios foram enviados à Terra. Escolhidos a dedo pelo Criador, eles foram espalhados e agrupados para viver o enriquecimento das sensações, emoções e idéias, individualmente. Depois de algum tempo, eles deveriam voltar para trazer as novas experiências e compartilhá-las com aqueles que ficaram.

Nesse novo mundo foram criados o esplendor do céu, em um tom azul divino; o mar com suas formas sinuosas; a Terra com toda sua geografia a ser descoberta; a força do sol a ser decifrada por mentes tão abençoadas.

Ao chegarem a Terra e ao abrirem os olhos pela primeira vez, descobriram, de forma doce e sutil, as mais variadas sensações. A primeira delas foi a visão. Perceberam que tal sensação não podia ser dominada. A visão é quem dominava suas mentes. Outrora, o que se via era a plenitude interior alcançada de forma esplendorosa pela alma da cada um.

Agora, a beleza que era admirada por todos de uma só forma se tornou beleza externa, cabendo a interpretação dessa beleza a cada ser, de forma individual e de acordo com seu grau de evolução.

Eles não eram mais todos iguais.

Viviam num cenário perfeito, tão estimulante que competia com o anterior, pois era cheio de formas, cores e brilhos que acabavam por impedir o recolhimento, dispersando a mente e dificultando a meditação.

## Assista & Reflita do Club 33

Em seguida perceberam o prazer do toque: maciez da areia morna, o frescor da água do mar. Despertavam assim para o limite do novo invólucro, que anteriormente não existia e agora permitia novas vivências.

Ao repousarem o corpo na água, descobriram a diferença do corpo submerso. A delícia do relaxar – que logo era interrompida pela descoberta do gosto salgado da água – vinha acompanhada pela necessidade de respirar. Esses desconfortos coexistiam com a nova forma de viver. Mas eles eram sábios e, por serem evoluídos, muito rapidamente aprenderam a respeitar o novo invólucro e seus limites. E do corpo fizeram uma nova morada da alma, ou seja, o que conhecemos como alma etérea.

Dias se passaram. Agora, eles percebiam o tempo, mesmo de forma sutil, diferenciado pela luz do sol e pela escuridão da noite. Nossos observadores notaram essa diferença. Mas era somente um novo estímulo visual exterior, que somente mais tarde iria ser compreendido como uma manifestação da dualidade, de polaridades opostas: dia e noite, claro e escuro, YIN e YANG. E que de forma nenhuma ofuscava o grau de concentração interior dos sábios.

E assim o tempo foi passando. A concentração em busca da elevação permanecia intocável, idêntica a anterior. A única diferença: não se tratava mais de uma só forma de energia; agora ela se dividia entre os novecentos invólucros unitários.

A comunicação era verbal e não mais telepática. Essa foi a primeira dificuldade. Fazia-se necessária uma reunião física para que houvesse a troca de informação verbal. E isso não acontecia porque era difícil

## Assista & Reflita do Club 33

eles se agruparem. Cada um se isolava em seu mundo, acreditando que tudo se resumia na contemplação da beleza externa.

Ao perceber a falha do seu mais novo projeto de perfeição, o Mestre Superior procurou uma forma de retomar a integração perdida. Na tentativa de estimular o relacionamento entre eles, criou a fome e a sede. Para saciá-las, surgiram a água cristalina dos rios, as frutas com seus sabores doces e variados; tudo para despertar a curiosidade de cada sabor, cor e aroma. Nossos ancestrais se depararam então com a fome, a sensação de vazio, a falta de algo. Uma necessidade de preenchimento interior até então desconhecida e cruel.

Imediatamente, o poder de concentração foi abalado. A atenção dispersou-se para uma direção desconhecida. Então novecentos seres se puseram em pé quase ao mesmo tempo e, sem rumo, perambularam desordenadamente, tentando entender essa falta, necessidade, e tão desconhecida dor.

Como mestres que eram, no auge do desconforto, voltaram-se cada um para o seu interior, buscando resposta para aquela sensação de falta. Tentaram suprir o vazio que tomava conta deles de forma que o equilíbrio fosse restabelecido. Percebera, então, a existência do olfato, e que os diversos aromas existentes estimulavam a salivação. E essa salivação era interpretada pelo físico como um caminho rumo à saciedade.

Foi então que as narinas, através dos aromas, passaram na frente dos olhos, levando-os até as frutas mais perfumadas. Eles descobriram assim o prazer da comida, com todos seus perfumes, cores e texturas. Pois bem. A fome saciada. Sé lhes restava recorrer ao aprendizado silencioso até que o tempo da nova alimentação os despertasse.

## Assista & Reflita do Club 33

Aí descobriu-se outra falha no propósito da perfeição. Pois se toda experiência se resumisse a sentir necessidades, como a fome – e então se levantar, locomover-se e saciar-se para voltar a se isolar -, de nada valeria a experiência de compartilhar. Portanto, na tentativa de aprimorar mais uma vez seu projeto, o Criador decidiu transformar o coração-alma em coração-orgão, que se abre na mente, isto é, se manifesta através da mente.

Essa mente com memória olfativa, de paladar e também com inteligência -, agora um pouco mais voltada a sobrevivência do ser-, se deixa envolver em um projeto de estocar para o futuro. Armazenar.

Assim, o alimento vira moeda, A moeda da vez. A corrida pela sua obtenção supera a busca pela evolução da alma. E a inteligência aguçada passa a desenvolver formas e mais formas de estocar alimentos.

Mas não se tratava de necessidade fisiológica - pois elas nitidamente cegavam suas mentes e corações-, eles continuavam seres em que a bondade imperava. E, depois de sua fome saciada, dividiam com amor suas conquistas tão valiosas: o alimento do corpo. Quando terminavam o ritual da alimentação, novamente se voltavam para seu interior, tentando o melhor caminho para alimentar a alma.

E assim o tempo passava. Porém, as descobertas e as novidades não se desenrolavam em tempo satisfatório, pois milhões de sábios os esperavam de volta, em algum lugar do Universo, esperando suas descobertas e aprimoramento.

Por isso, o Mestre Maior decidiu intensificar as emoções e desejos de forma diferente e única para cada ser. Uns sentiram mais fome e outros, mais sede; enquanto uns seriam mais apressados, outros

## Assista & Reflita do Club 33

seriam mais acomodados. Isso explica por que, até hoje, somos tão diferentes uns dos outros.

Perante tais diferenças, nossos sábios foram deixando de lado a majestosa sabedoria adquirida em outros tempos. Esse espaço, antes ocupado por luz e bondade, agora dava lugar a conquistas e realizações materiais.

Suas mentes iniciaram então um trabalho de existir tão intenso que a beleza da terra passou a ser devastada pela ambição de uns e de outros. Novas formas de aquisição forma surgindo. Aquele que possuía a comida passou a dominar os menos afortunados – seja por habilidade ou mesmo por cobiça. E a posse virou uma bola de neve, que foi se ampliando e tornando as pessoas cada vez mais egoístas a ponto de esquecerem-se do amor de onde vieram.

Assim começou a vida na Terra.

As gerações seguintes desses mestres que chegaram aqui se encontraram totalmente desprovidas da pureza e da bondade dos seus ancestrais. Hoje, os novos se denominam assim não mais por dominarem a sabedoria da Terra; nem tampouco pela sabedoria espiritual; e menos ainda pela comunhão de amor, origem de nossos ancestrais.

Os chamados sábios, hoje, são aqueles que dominam a “esperteza” que o viver na Terra desencadeou.

Muitos séculos depois, cá estou eu, andando no parque nesta manhã de sol. E encontro pessoas que vivem, no auge da luta pela conquista. Não sei do que – e garanto que, se elas soubessem, já não teriam a menor idéia para quê. Para que correm tanto na vida?

## Assista & Reflita do Club 33

Para que tanta preocupação em acumular se é sabido que daqui nada se pode levar? Acredito que os outros habitantes daquele mundo estão até hoje esperando o retorno de pelo menos um dos novecentos sábios, pois todos se perderam no meio do caminho por causa de um mero obstáculo: o corpo, o invólucro.

Quantas vezes você se perdeu nos obstáculos criados pelo seu mundo? Quantas vezes você se achou impotente para vencê-los e simplesmente mudou a tática ou o caminho? Será que devemos nos afastar do caminho perante os obstáculos?

E se você encontrasse meu avô, aquele velhinho com bons olhos, e, quando menos esperasse, ele lhe dissesse que o invólucro foi criado simplesmente para que novas emoções fossem despertadas em você? E que você é, sim, um grande sábio prestes a se descobrir, pois tem em sua matéria células diretas daquele Mestre Criador – e essas células vieram migrando até formar o seu organismo?

As células contem na memória parte do mistério da sabedoria: o caminho de volta para casa. Pois essa memória sabe como existir sem invólucro – fome, sede, necessidades, poder, egoísmo, enfim, sem o indivíduo – e, sim se beneficiando do coletivo.

Esse é o verdadeiro caminho de volta. E alguém, em algum lugar, o espera ansioso por essa sabedoria, por esse segredo.

Colaboração do Ir.º ANTONIO SIMÕES PARENTE – São Paulo